

FORMAÇÃO DO SUJEITO E SUBJETIVIDADE: UMA ANÁLISE DO MODELO BIOLÓGICO-PSICOLÓGICO-HISTÓRICO-SOCIAL¹


THE FORMATION OF THE SUBJECT AND SUBJECTIVITY: AN ANALYSIS BASED ON THE BIOLOGICAL-PSYCHOLOGICAL-HISTORICAL-SOCIAL MODEL

Recebido em: 10/12/2025

Aceito em: 10/05/2026

Publicado em: 24/06/2026

Davi Daniel Soares de Oliveira² 

Marcia Cristina dos Reis³ 

Resumo: Este estudo analisa a subjetividade como objeto central da Psicologia, considerando sua construção como um processo complexo, influenciado por determinantes biológicos, psicológicos, históricos e sociais. Parte-se da hipótese de que a adoção da subjetividade como foco principal pode contribuir para o avanço científico e para práticas profissionais mais integradas. A pesquisa foi realizada por meio de revisão bibliográfica e documental, contemplando livros, artigos e documentos oficiais disponíveis em bases como SciELO, CAPES, PubMed e Google Acadêmico. Os resultados evidenciam a necessidade de uma abordagem ampliada, capaz de superar modelos universais rígidos e promover uma compreensão integral do sujeito. Constatou-se que o modelo BPHS (biológico, psicológico, histórico e social) oferece um referencial para práticas psicológicas mais humanizadas e éticas, reforçando a importância da subjetividade nos contextos clínico e científico.

Palavras-chave: Subjetividade; Psicologia; Biopsicossocial; Modelo BPHS.

Abstract: This study examines subjectivity as the central object of Psychology, considering its construction as a complex process shaped by biological, psychological, historical, and social determinants. The research is based on the hypothesis that adopting subjectivity as Psychology's primary focus can advance both scientific development and professional practice. A bibliographic and documentary review was conducted using books, academic articles, and official documents from databases such as SciELO, CAPES, PubMed, and Google Scholar. The findings highlight the need for an integrated approach to the subject, overcoming rigid universal models and promoting a comprehensive understanding of human experience. Results indicate that the BPHS model (biological, psychological, historical, and social) offers a framework for more holistic and humanized psychological practices. This perspective reinforces the importance of considering subjectivity in clinical and scientific contexts to ensure ethical and effective interventions.

Keyword: Subjectivity; Psychology; Biopsychosocial; BPHS Model.

INTRODUÇÃO

A Psicologia, desde sua constituição como ciência, enfrenta desafios na definição clara de seu objeto de estudo, o que contribui para a fragmentação teórica e metodológica. Apesar da ampla produção sobre abordagens psicológicas, há escassez de estudos que integrem as dimensões

¹ Este trabalho foi apresentado em formato de Banner virtual, no IV Simpósio de Pesquisa do Ecossistema Ânima. Entretanto, passou por significativas modificações, atendendo, assim, aos critérios de ineditismo.

² Graduando do 8º Semestre em Psicologia na Universidade Anhembí Morumbi. E-mail: davidanielsoaresoliveira@gmail.com

³ Mestre em Hospitalidade pela Universidade Anhembí Morumbi, com formação em Psicologia, Psicanálise, Administração e especialista em comportamento humano. E-mail: marcia.c.reis@ulife.com.br

biológica, psicológica, histórica e social na compreensão do sujeito, lacuna limitante no que concerna às práticas mais abrangentes e humanizadas. Essa ausência de integração reforça a necessidade de modelos que contemplem a complexidade do ser humano, superando perspectivas reducionistas centradas apenas em aspectos isolados.

Diante desse cenário, este estudo parte da hipótese de que a subjetividade, entendida como processo em construção e resultante da interação entre fatores biológicos, psicológicos, históricos e sociais, pode constituir-se como objeto central da Psicologia, favorecendo avanços científicos e práticos. Assim, o objetivo geral é propor a subjetividade como objeto central da Psicologia, considerando um modelo que abrange as esferas biológica, psicológica, histórica e social. Para alcançar esse propósito, delineiam-se três objetivos específicos: I) discutir o conceito de subjetividade e sua construção; II) analisar teorias que ampliem a compreensão do sujeito no modelo BPHS (biológico, psicológico, histórico e social); e III) evidenciar a necessidade de abordagens integradas para promover saúde e práticas humanizadas. Essa perspectiva busca contribuir para o fortalecimento da Psicologia como ciência e prática, oferecendo subsídios teóricos que permitam compreender o sujeito em sua totalidade, articulando dimensões que historicamente foram tratadas de forma fragmentada.

QUADRO 1 – SÍNTESE DA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

| Palavras-chave | Autores | Ano | Título / Fonte | Principais contribuições |
|----------------------------------|--|------|---|---|
| Subjetividade; Psicologia | BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. | 1999 | <i>Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia</i> | Discute a dificuldade de definir o objeto da Psicologia e a importância da subjetividade. |
| Subjetividade; História | LANE, S. T. M. | 1984 | <i>Psicologia Social: o homem em movimento</i> | Introduz a perspectiva sócio-histórica e critica o positivismo na Psicologia. |
| Sujeito; Subjetividade | REY, F. L. G. | 2003 | <i>Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural</i> | Propõe a subjetividade como elemento central e critica padrões universais. |
| Biopsicossocial; Saúde | BRASIL. Ministério da Saúde | 2009 | <i>Política Nacional de Humanização: clínica ampliada e compartilhada</i> | Apresenta diretrizes para práticas integradas e humanizadas no SUS. |
| Psicologia Clínica | ABDALLA, I. G. | 2007 | <i>O ensino de Psicologia</i> | Evidencia a necessidade de articular clínica e social na formação do psicólogo. |

| | | | | |
|---------------------------------------|---------------------------------|------|---|--|
| | | | <i>Clinica na graduação</i> | |
| Psicologia sócio-histórica- | BOCK, Ana Mercês Bahia. | 2007 | <i>Silvia Lane e o projeto do “Compromisso social da Psicologia”.</i> | Apresenta a proposta de Lane com a criação da Psicologia Sócio-Histórica |
| Psicopatologia; Psicopatologia | DALGALARRONDO, Paulo | 2008 | <i>Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais.</i> | Fornece bases para estruturação do psíquico, |
| Saúde | BRASIL. Ministério da Saúde | 2020 | <i>O que significa ter saúde?</i> | Definição de Saúde |
| Atuação; Psicólogo | CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. | 2008 | <i>Atribuições profissionais do psicólogo no Brasil.</i> | Delimita as atuações dos psicólogos |
| Subjetividade | CROCHÍK | 1998 | <i>Os desafios atuais do estudo da subjetividade na Psicologia.</i> | Fornece definição de subjetividade |
| Pesquisa | GIL | 2002 | <i>Como elaborar projetos de pesquisa.</i> | Categoriza tipos de pesquisas |
| Psicologia; Social | SCARCELLI | 2019 | <i>Ressonâncias da questão social nas práticas psicológicas: algumas perguntas.</i> | Define a realidade psíquica e social em constante movimento. |

Fonte: elaborado pelos autores, 2025.

Este estudo caracteriza-se como pesquisa bibliográfica e documental, com abordagem exploratória e qualitativa, conforme Gil (2002). Para garantir rigor na seleção das fontes, foram consultadas bases científicas como SciELO, CAPES Periódicos, PubMed e Google Acadêmico, utilizando palavras-chave relacionadas ao tema, tais como: Psicologia, Subjetividade, Biopsicossocial e Modelo BPHS. Os critérios de inclusão abrangeram publicações que discutem a formação do sujeito e a integração das dimensões biológica, psicológica, histórica e social.

A análise dos materiais foi realizada por meio de leitura exploratória, seletiva e interpretativa, identificando conceitos centrais e perspectivas históricas que fundamentam a discussão. Para sintetizar as principais referências utilizadas, elaborou-se o Quadro 1, o qual apresenta os autores, palavras-chave e contribuições relevantes para a construção teórica do estudo.

SUBJETIVIDADE COMO OBJETO CENTRAL DA PSICOLOGIA

A subjetividade constitui-se como um dos conceitos centrais da Psicologia, sendo compreendida como o conjunto de processos internos que expressam a singularidade do sujeito em sua relação com o mundo. Trata-se de uma construção dinâmica, resultante da interação entre fatores biológicos, psicológicos, históricos e sociais, que se manifesta por meio de pensamentos, emoções, valores e significados atribuídos às experiências (Bock *et al.*, 1999; Crochík, 1998).

Historicamente, diferentes abordagens psicológicas contribuíram para a compreensão parcial desse fenômeno. As perspectivas comportamentalistas, por exemplo, enfatizaram o comportamento observável, enquanto a psicanálise privilegiou os processos inconscientes. As correntes humanistas e fenomenológicas, por sua vez, ampliaram a visão do sujeito, destacando sua experiência vivida e sua capacidade de atribuir sentido. Contudo, essas abordagens, embora relevantes, tendem a apresentar recortes específicos, sem contemplar a complexidade integral do ser humano (Rey, 2003).

González Rey (2003) critica a tendência de estabelecer padrões universais, alertando para o risco de homogeneização e ausência de autocrítica na Psicologia. Para o autor, compreender a subjetividade implica reconhecer sua natureza histórica e social, evitando reducionismos que desconsiderem a singularidade do sujeito. Nesse sentido, a subjetividade não é um dado estático, mas um processo em constante transformação, mediado pelas relações sociais, pela cultura e pelas condições materiais de existência.

A relevância da subjetividade na prática psicológica é evidenciada por estudos que apontam a necessidade de integrar dimensões individuais e contextuais no cuidado clínico. Abdalla (2007), ao analisar a formação em Psicologia clínica, destaca que a práxis do psicólogo deve articular aspectos intrapsíquicos e sociais, considerando o sujeito como produto e produtor de sua história. Essa perspectiva reforça a importância de abordagens que superem visões fragmentadas, incorporando a subjetividade como elemento constitutivo do fazer psicológico. Portanto, compreender a subjetividade como objeto central da Psicologia significa assumir uma visão ampliada do sujeito, que reconheça sua condição biológica, psíquica, histórica e social. Essa concepção possibilita práticas mais éticas e humanizadas, alinhadas à complexidade da experiência humana.

MODELO BIOPSIKOSSOCIAL E CLÍNICA AMPLIADA: PERSPECTIVAS PARA A PSICOLOGIA

A partir da ideia da subjetividade como protagonista no estudo psicológico, é necessário questionar qual o papel do psicólogo, como este atua frente à complexidade do sujeito. O Conselho Federal de Psicologia (CFP) sobre as especificidades profissionais do psicólogo, diz sobre sua atuação nos mais diversos âmbitos, – educação, saúde, lazer, trabalho, justiça, comunidade e comunicação – têm sempre por objetivo, promover o respeito à dignidade e integridade dos seres humanos. O conselho também declara sobre a atuação:

Procede ao estudo e análise dos processos intrapessoais e das relações interpessoais, possibilitando a compreensão do comportamento humano individual e de grupo, no âmbito das instituições de várias naturezas, onde quer que se deem estas relações. Aplica conhecimento teórico e técnico da Psicologia, com o objetivo de identificar e intervir nos fatores determinantes das ações e dos sujeitos, em sua história pessoal, familiar e social, vinculando-as também a condições políticas, históricas e culturais (CFP, 1992).

Essa perspectiva dialoga com a definição de saúde proposta pela Organização Mundial da Saúde (OMS): esta a compreende não apenas como ausência de doença, mas como um estado completo de bem-estar físico, mental e social (Ministério da Saúde, 2020). Portanto, produzir saúde e bem-estar no fazer psicológico, implica em contemplar o sujeito ali presente, em todas as áreas, evitando reducionismos que restrinjam a prática ao campo mental ou comportamental. É necessário considerar também os determinantes sociais e históricos que influenciam a experiência de adoecimento e bem-estar.

A Clínica Ampliada, nesse contexto, faz parte da proposta de humanização do SUS (Sistema Único de Saúde), essa busca integrar, articular e incluir de diferentes enfoques e disciplinas. (Ministério da Saúde, 2009). Nessa proposta, o diagnóstico vai para além das semelhanças, buscando encontrar as singularidades do sujeito, o modo como esse vive e expressa esses sintomas, pensados na relação com outros determinantes de saúde.

Para isso, estrutura-se em cinco eixos fundamentais: I) **Compreensão ampliada do processo saúde-doença**, onde cada abordagem faz um recorte, e entende sua relevância para o processo de adoecimento; buscando assim, uma ampliação do objeto de trabalho com resultados que sejam eficientes e inclusão de novos instrumentos; II) **Construção compartilhada dos diagnósticos e terapêuticas**, envolvendo o sujeito e a equipe na definição das estratégias de cuidado; III) **Ampliação do objeto de trabalho**, considerando o indivíduo em sua totalidade, incluindo aspectos subjetivos,

sociais e históricos; IV) **A transformação dos “meios” ou instrumentos de trabalho**, a qual diz respeito à dispositivos de comunicação é técnicas relacionais, como a escuta ativa, lidar com condutas automatizadas criticamente, lidar com problemas sociais, subjetivos, com a família e comunidade entre outros; V) **Suporte para os profissionais de saúde**, reconhecendo a importância de espaços de cuidado para os próprios profissionais, enfrentando o ideal de neutralidade que ignora sua subjetividade.

A proposta da clínica ampliada converge com as atribuições do psicólogo descritas pelo CFP, pois ambas enfatizam a necessidade de compreender o sujeito em sua complexidade, articulando dimensões biológicas, psicológicas, sociais e históricas. Essa integração é essencial para práticas humanizadas e éticas, que superem visões fragmentadas e promovam saúde em sentido amplo.

A DIMENSÃO HISTÓRICA NA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO PSICOLÓGICO

Compreender o sujeito em sua totalidade exige reconhecer que os processos psicológicos não ocorrem de forma isolada, mas são mediados por condições históricas e sociais. Essa perspectiva é defendida por Silvia Lane, precursora da Psicologia sócio-histórica no Brasil, que fundamenta sua proposta no materialismo histórico e dialético, considerando o indivíduo como ser histórico em relação dialética com a sociedade (Bock, 2008).

Lane (1984) identifica que, na década de 1950, a Psicologia Social se estruturou em duas tendências: uma pragmática, voltada à harmonização das relações grupais para garantir produtividade, influenciada pelo modelo norte-americano; e outra, de raízes europeias, baseada na fenomenologia, buscando modelos totalizantes para evitar novas catástrofes sociais. Na América Latina, essas tendências oscilaram entre o pragmatismo e uma visão mais abrangente do sujeito. Para Lane (1984), superar a crise da Psicologia implicou contestar a tradição biológica, que reduzia o homem a um organismo interagindo com o meio físico. A autora afirma:

Porém, o homem fala, pensa, aprende e ensina, transforma a natureza; o homem é cultura, é história. Este homem biológico não sobrevive por si e nem é uma espécie que se reproduz tal e qual, com variações decorrentes de clima, alimentação etc. O seu organismo é infraestrutura que permite o desenvolvimento de uma superestrutura que é social e, portanto, histórica (Lane, 1984, p. 12).

Lane critica o modo positivista de fazer ciência, afirma que o positivismo na procura de uma objetividade dos fatos, perde o ser humano, essa crítica revela que, ao buscar objetividade, a ciência

perdeu de vista o ser humano como produto e produtor da história. Lane defende que a Psicologia Social deve recuperar o indivíduo na intersecção entre sua história pessoal e a história da sociedade, sendo necessário recuperar o subjetivismo como materialidade psicológica, pois somente esse conhecimento permite compreender o homem enquanto agente histórico (Lane, 1984).

Embora não negue a importância da psicobiologia ou da psiconeurologia, Lane ressalta que essas abordagens pouco contribuem para entender o pensamento do sujeito em sua inserção social. Incorporar a dimensão histórica significa reconhecer que os processos psicológicos são construídos em contextos sociais, políticos e culturais, e não apenas determinados por fatores biológicos.

Essa perspectiva amplia a compreensão do psiquismo, permitindo superar visões fragmentadas e construir práticas que considerem o sujeito como ser histórico, ativo e transformador. Ao integrar essa dimensão ao modelo BPHS, propõe-se um olhar que contemple a complexidade do humano, articulando biologia, psique, história e sociedade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da literatura evidenciou que a Psicologia, ao longo de sua trajetória, enfrenta dificuldades na definição de um objeto de estudo único, o que contribui para sua fragmentação teórica e metodológica. As abordagens históricas – comportamentalista, psicanalítica, humanista e sócio-histórica – trouxeram contribuições relevantes, mas cada uma delas privilegiou recortes específicos, deixando lacunas na compreensão integral do sujeito.

Os estudos analisados indicam que a subjetividade pode constituir-se como objeto central da Psicologia, compreendida como um processo dinâmico, construído nas interações entre fatores biológicos, psicológicos, históricos e sociais. Essa concepção rompe com perspectivas reducionistas e possibilita práticas mais éticas e humanizadas, alinhadas à complexidade da experiência humana.

Outro resultado relevante refere-se à análise do modelo biopsicossocial e da Clínica Ampliada, que representam avanços importantes na compreensão da saúde e na atuação do psicólogo. Esses modelos ampliam o olhar sobre o sujeito, integrando dimensões físicas, mentais e sociais. Contudo, verificou-se que, mesmo nessas propostas, a dimensão histórica nem sempre é contemplada de forma explícita, o que reforça a necessidade de um modelo que incorpore essa esfera, conforme defendido por Lane (1984) e González Rey (2003).

A discussão também revelou que a prática psicológica é influenciada pela subjetividade do próprio profissional, que, enquanto sujeito histórico e social, carrega experiências e significados que

impactam sua atuação. Essa constatação reforça a importância de abordagens que considerem tanto a subjetividade do paciente quanto a do psicólogo, promovendo uma clínica mais reflexiva e humanizada.

Portanto, os resultados apontam para a pertinência do modelo BPHS (Biológico, Psíquico, Histórico e Social) como referência para compreender o sujeito em sua totalidade. Essa integração amplia a capacidade da Psicologia de responder às demandas contemporâneas, evitando reducionismos e fortalecendo sua identidade científica e social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa partiu do desafio histórico da Psicologia em definir seu objeto de estudo, problema que contribuiu para a fragmentação teórica e metodológica da área (BOCK *et al.*, 1999). Embora diferentes abordagens tenham oferecido contribuições significativas – como o behaviorismo, a psicanálise e as perspectivas humanistas –, cada uma delas privilegiou recortes específicos, deixando lacunas na compreensão integral do sujeito. Essa constatação reforça a necessidade de um modelo que contemple a complexidade humana, superando visões reducionistas.

Os resultados evidenciaram que a subjetividade, entendida como processo dinâmico e relacional, pode constituir-se como objeto central da Psicologia, pois integra dimensões biológicas, psicológicas, históricas e sociais (Rey, 2003; Crochík, 1998). Essa concepção amplia a capacidade da ciência psicológica de responder às demandas contemporâneas, permitindo práticas mais éticas e humanizadas. Além disso, verificou-se que a subjetividade não se limita ao paciente, mas também permeia a atuação do psicólogo, que, enquanto sujeito histórico e social, carrega experiências que influenciam sua prática (Abdalla, 2007; Bock, 1999).

Outro achado relevante refere-se ao modelo biopsicossocial e à Clínica Ampliada, que representam avanços importantes na atenção à saúde, ao propor uma abordagem integral que considera aspectos físicos, mentais e sociais (Ministério da Saúde, 2009). Contudo, constatou-se que a dimensão histórica nem sempre é contemplada de forma explícita, o que reforça a pertinência do modelo BPHS (Biológico, Psíquico, Histórico e Social) proposto neste estudo. Essa integração dialoga com a perspectiva sócio-histórica defendida por Lane (1984), que critica o positivismo e afirma a necessidade de recuperar o indivíduo na intersecção entre sua história pessoal e a história da sociedade.

O modelo BPHS, entende o sujeito como resultado da interação entre as quatro esferas: biológica, psíquica, histórica e social. E essas são caracterizadas da seguinte forma: a esfera biológica contempla aspectos biológicos, levando em consideração condições que já nascem com o indivíduo, ou são adquiridas ao longo do tempo, mas tendo um viés biológico, por exemplo as questões neurais, como: o papel de neurotransmissores e suas interações; as bases neuroanatômicas relacionadas às funções psíquicas; questões biológicas que afetam diretamente a vida psíquica do sujeito e inerentes à toda espécie como o sono. Vale destacar também, questões biológicas que podem afetar a própria experiência de vida do sujeito, como uma doença crônica ou não, deficiência, desequilíbrios hormonais.

A esfera psíquica, diz respeito a processos psicológicos como: Memória, Aprendizagem, Atenção, Inteligência, Sensopercepção e conceitos do sujeito, sobre si e sobre as coisas, seus valores, suas ideias, ideais, emoções e afetos. Apesar de serem diferenciáveis, Dalgalarrondo (2019) destaca não haver funções psíquicas isoladas, que essa separação é puramente artificial, apesar de útil para fins de aprofundamento dessas capacidades, podem ser acometidas pela simplificação, levando a crença da autonomia desses processos como se fossem objetos naturais, deve-se lembrar que essas dizem sempre da totalidade do sujeito, e não exclusivamente sua função psíquica.

Por esfera histórica, deve-se levar em consideração a trajetória desse sujeito, como já citado anteriormente, a inserção do histórico vai para além do social, dizendo a respeito de como esse sujeito se relaciona com os aspectos da sua história, e como a história o atravessa, sendo sujeito que é construtor de si e do mundo. Por fim, no campo social, considera-se as condições econômicas, o ambiente desse sujeito, sua cultura, e como ele se relacionam direta e indiretamente.

Percebe-se, aqui, a dificuldade de separar coisas tão intrínsecas, que por muito se convergem, se misturam. Essas instâncias estão em constante interação, construindo constantemente a vivência do sujeito, elas são interligadas, interdependentes, e, portanto, qualquer alteração em qualquer uma delas impactaria nas outras (Scarcelli, 2019).

O psicólogo nesse caso, deve incorporar em seu olhar e na sua escuta, esses aspectos de cada uma das esferas de formação do sujeito, seja qual for o ambiente de atuação, para dessa forma não desqualificar o sofrimento, reduzindo-o à apenas alguma dessas esferas, para assim, oferecer um serviço humanizado e integral que preze pela integridade do sujeito. Dessa forma, os objetivos foram alcançados: discutiu-se o conceito de subjetividade e sua construção; analisaram-se teorias que ampliam a compreensão do sujeito; e evidenciou-se a necessidade de abordagens integradas para

promover saúde e práticas humanizadas. A proposta do modelo BPHS surge como contribuição teórica para fortalecer a Psicologia como ciência e prática, oferecendo um referencial que reconhece o sujeito em sua totalidade – biológica, psíquica, histórica e social.

Por fim, este estudo não pretende encerrar a discussão, mas abrir caminhos para novas pesquisas que aprofundem a aplicação do modelo BPHS em contextos clínicos, educacionais e sociais. Somente por meio de uma Psicologia que valorize a singularidade e a historicidade do sujeito será possível avançar na construção de práticas mais éticas, inclusivas e transformadoras.

REFERÊNCIAS

ABDALLA, Ively Guimarães. O ensino de Psicologia Clínica na graduação: uma análise a partir de psicólogos clínicos docentes e não docentes. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 31, n. 2, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-55022007000200012>. Acesso em: 1 set. 2025.

BOCK, Ana Mercês Bahia. Silvia Lane e o projeto do “Compromisso social da Psicologia”. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n. spe2, p. 46-56, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000500018>. Acesso em: 2 set. 2025.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia**. São Paulo: Saraiva, 1999.

BRASIL. Ministério da Saúde. **O que significa ter saúde?** 2020. Atualizado em 29 jul. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-brasil/eu-que-ro-me-exercitar/noticias/2021/o-que-significa-ter-saude>. Acesso em: 6 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política Nacional de Humanização da Atenção e Gestão do SUS: clínica ampliada e compartilhada**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Atribuições profissionais do psicólogo no Brasil**. Brasília: CFP, 2008. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wpcontent/uploads/2008/08/atr_prof_psicologo.pdf. Acesso em: 5 set. 2025.

CROCHÍK, José Leon. Os desafios atuais do estudo da subjetividade na Psicologia. **Psicologia USP**, v. 9, n. 2, p. 69-85, 1998. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-65641998000200003>. Acesso em: 6 set. 2025.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LANE, Silvia T. M. A Psicologia Social e uma nova concepção de homem para a Psicologia. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (org.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 10-19.

REY, Fernando Luis González. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Cengage Learning Brasil, 2003. E-book. ISBN 9788522115891. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788522115891>. Acesso em: 5 set. 2025.

SCARCELLI, Ianni Regia. Ressonâncias da questão social nas práticas psicológicas: algumas perguntas. In: **PRÁTICAS em pesquisa e pesquisa como prática: experimentações em Psicologia**. Curitiba: CRV, 2019.